



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 20 de Fevereiro de 1982 * Ano XXXVIII — N.º 990 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

BARREDO

O vendaval rompeu os diques e todos desataram a falar nas casas da Sé e de Miragaia — Porto. Ainda bem!

As ondas chegaram ao Parlamento e, diz a letra redonda, estão empenhados na resolução do problema de tantas famílias. Umás, desalojadas, porque as casas ameaçam ruir; outras a viverem em autênticos tugúrios arruinados pelo tempo. Queira Deus que sim... E mais: que a situação destas famílias não seja motivo para que os partidos se agarrem à manivela da sua própria roda. Não sujemos a fonte! Incorporem-nos sem bandeira. Só com o amor aos Irmãos.

Os degraus apodrecidos que subiram as escadarias dos Diários e do Parlamento, subiu-os Pai Américo centenas de vezes.

«Tem cuidado, não caias; olha que são 10 degraus» —

dizia ele aos rapazes que o acompanhavam. Ele ia contando, pois em cada casa os sabia de cor!

Cada visita aos bairros, uma página do Barredo nas páginas de O GAIATO. Verdadeiros gritos de alerta e denúncia.

Em 1953 essas páginas fizeram o livro «O Barredo» e Pai Américo escreveu no prefácio: «Tencionamos ilustrar as páginas com fotografias, como reforço natural da palavra, no intuito de tocar, impressionar e ferir. Desejamos que os leitores vejam. Que conheçam. Que amem».

A ilustrar a página 54, uma fotografia com esta legenda: «Vãos de escadas. Lojas. Portais. Gateiras. Em tudo se vive por falta de vivendas».

Tal qual, hoje!

Nós temos ido e visto com os nossos olhos. E jornalistas corajosos têm mostrado a to-



Os degraus apodrecidos, da Sé e de Miragaia (Porto), que subiram as escadarias dos Diários e do Parlamento, subiu-os Pai Américo centenas de vezes. Ai está ele, de capa e batina, em plena «terra de Heróis, de Mártires, de Santos» — acompanhado de um gaiato — em sua missão de Recoveiro dos Pobres.

do o Portugal, nestes últimos dias.

Mas continuemos a ouvir

Pai Américo, agora, na visão profética do seu sonho: «Um segundo volume de «O Barredo», sim, mas outro Barredo, com casas e armazéns de negócio ribeirinho. Fontes. Pracetas. Mirantes. Suas casas plenas de luz. Roupas a corar. Jardins. Gente limpa e bem disposta. Ao ver nas páginas do próximo futuro livro, evidentemente ilustrado, as condições dolorosas e desumanas dos actuais ocupantes daqueles sítios, nada repugna acreditar que os homens de bem se determinem a dar preferência a esta obra, dizendo balzinho para dentro de si mesmos, que também eles, uma vez postos naquelas condições, haviam de gostar que outros lhes acudissem. Esta é mesmo a regra».

É o Mandamento Novo que nos leva a desejar para os Outros o que desejamos para nós. A partilhar com eles o que nós temos.

No fundo, todos nós desejamos o bem. Todos gostaríamos de fazer algo. E podemos. Demos já início a um gesto de amor... A renúncia de nós — para sermos capazes de nos inclinarmos sobre o Outro. Não fiquemos petrificados perante a multidão dos que precisam.

Uma sensação de pasmo e

impotência abanou Madre Teresa de Calcutá no seu primeiro contacto com a multidão de famintos e doentes... Esta começou por lavar as caras das crianças e sorrir. Também, há dias, no Bairro de Miragaia, uma Criadita dos Pobres ficou sem saber... quando um doente e pobre lhe pediu um pouco de doce. Naquela hora, para ele, a coisa mais importante no mundo era um pouco de doce. A Criadita deixou tudo, foi a casa e levou-lhe o único frasco de compota que elas tinham.

Não temos força para construir uma habitação — mas todos podemos levar uma pequena pedra aos ombros.

Estávamos falando de «O Barredo» — o retrato mais ao vivo e fiel dos bairros ribeirinhos do Porto. Ao lermos suas páginas nuas, o mesmo pasmo, impotência e medo. Mas façamos nosso o sonho e desejo de Pai Américo no final do prefácio: «Como seria bom assistir à demolição, acompanhar os transferidos, ver como se instalaram nas suas novas moradas e saborear o gosto deles em agradecer ao Pai Celeste o seu pão e os seus filhos».

Calvário

É um convite a digressão por terras do Douro este que venho aqui hoje fazer.

A manhã está opaca. O nevoeiro adensado durante a noite parece não querer dissipar-se. A estrada até Amarante não permite marcha rápida que as curvas sucedem-se e em todas elas os veículos de longo curso surgem apressados. A vida, hoje, é uma corrida constante e contínua. Ninguém pára para ver, para ouvir, para se debruçar sobre os problemas alheios. Cada um suporta os próprios, pesadamente por vezes, porque não repartidos com o semelhante.

Depois da Sintra do Norte, a estrada é ainda mais íngreme e sinuosa. O Marão, majestade de silêncio e quietude,

impõe respeito. As resinosas e os carvalhos agarram-se a ele, há séculos, tentando comê-lo em todas as vertentes. A estrada torna-se mais larga e em breve iniciamos a descida abrupta para Mesão. O piso molhado, salpicado de folhas amarelas, é deveras escorregadio e ordena extrema cautela. Os cedros que ladeiam as bermas deixam cair gotas de água. Abrandamos o rolar do carro nesta descida para o vale do Douro. O sol ainda não rompe. As núvens ténues e esbranquiçadas escondem as cristas da serra. O casario da vila mostra-se aos poucos, por entre a ramagem das árvores. Homens, de botas grossas e de samarra com gola de pele, saem das casas para o traba-

lho. O bafo sai-lhes da boca, em rolos de fumo, que logo se dissipa na aragem fria. Todos parecem tiritar nesta manhã de gelo.

Na vila um Amigo espera-me. Tomamos a estrada para Vilamarim. É uma légua por entre socalcos de vinhas baixas com as cepas despidas no repouso de Inverno. A Natureza descansa para a seu tempo dar o fruto. Os homens hoje não repousam. Mesmo quando dizem fazê-lo, tantas vezes se afadigam mais ainda.

Casas pequenas poisam graciosamente à beira da estrada. Aqui estão amontoadas. É a povoação que procuramos. A casita tem a porta alta, que

Cont. na 3.ª página

Padre Telmo

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

DESPORTO — Realizou-se no sábado, dia 30 de Janeiro, um jogo de futebol entre a nossa equipa e uma equipa amiga.

Jogou-se com boa disposição e amizade; e ao intervalo perdíamos por 5-1, sendo o resultado final de 5-5.

Voltamos a salientar: é com muita alegria e boa vontade que aceitamos o convite de equipas amigas para se defrontarem com a nossa e que nestes jogos interessa mais o convívio do que os resultados.

Tudo faremos para que gostem da visita. Obrigado.

AGRICULTURA — É tempo das videiras serem podadas. É um serviço demorado.

Só agora se procedeu à queima do bagaço para aguardente. Deu 200 litros, resultado que ficou aquém do que era costume, mas o que é muito bom devido ao facto de ter sido um trabalho já tardio.

É, também, tempo de preparação dos campos para a sementeira da batata.

O tractor que tínhamos não estava em condições. Veio outro, novo, e mais forte que o antigo, para rasgar mais fundo a terra e a produção ser mais rica. Mas não é só o tractor que é novo, também o tractorista, o «Mestre», ex-tipógrafo que não gostou das Artes Gráficas e preferiu a vida ao ar livre, muito mais saudável. O «Mestre» já esteve ligado à vida do campo, pois trabalhou



António José Nunes Rosa e Manuel Alexandre Teixeira foram eleitos, recentemente, chefe-maioral e sub-chefe da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.



durante quatro anos na vacaria. Que ele se sinta realizado na profissão que escolheu.

ÁRVORES — Nos dias de sol, as muitas árvores que existem em nossa Aldeia dão sombra e ajudam a suportar o calor. É uma beleza ver a nossa bela avenida, durante o estio, com a copa das árvores cobertas de sombra! Acontece, porém, que muitas delas estão a necessitar de poda, serviço que o Adegas e o Neca têm levado a cabo nos sábados de manhã. Os largos da casa 3 e casa 2 sofreram a devida poda, mas o trabalho continua, pois há muitas outras árvores a pedir tratamento. A lenha é guardada para as lareiras darem calor nos dias frios de Inverno.

Como o tractor esteve ocupado, em trabalhos de primeira necessidade, e não foi possível levar a lenha, todos nós fomos recrutados, durante uma hora, no sábado à tarde. Foi uma empreitada! Era bonito ver os nossos «Batatinhas» — que também não faltaram com a sua ajuda — levarem a lenha para o campo. Sr. Padre Telmo e sr. Padre Abel também lá estiveram. Foi uma alegria!

DANIEL — Todos os rapazes que passam pelas nossas Casas deixam uma marca, mais ou menos nítida, para os que vêm depois deles. O Daniel deixou a sua. Artista de Artes Gráficas e do jornalismo, fundou um pequeno jornal interno, ao qual deu o nome de VOZ DOS NOVOS. Quando saiu de nossa Casa formou a sua família. Agora, trabalhava no «Jornal de Notícias» onde tinha muitos amigos, entre os quais alguns que também por cá passaram.

Foi dolorosa a sua morte, em condições trágicas!

Foi o seu corpo, mas ficou o seu espírito. Que descanse em Paz.

NOVOS GAIATOS — São o testemunho de graves dramas familiares, que só uma sociedade pelo seu rendimento *per capita*, o luxo e a avareza podem consentir. Quantas vezes não se ouve apregoar, em altas vozes, a Liberdade e os Direitos do Homem; e quantas vezes essa Liberdade não se transforma em libertinagem — e os Direitos do Homem são colocados para servirem os interesses de alguns!

Infelizmente, pouco ou nada se faz para acabar com esta situação; e, em consequência, vemos lares desfeitos e quem mais sofre com isso são as crianças.

Os que vieram agora acolher-se, em nossa manta, consigam esquecer os seus dramas e vejam em nós a sua família.

Sejam bem-vindos!

«Réguas»

BEIRE

VACARIA — Nós, cá em Casa, temos 46 cabeças de gado. Vacas a dar leite temos 13; e estão a dar 236 litros por dia. Mas só uma dá 34 litros por dia! Quanto mais, melhor.

Vamos ter um depósito frigorífico de leite que leva cerca de 600 litros; e o leite só vai para fora de três em três dias, porque as bilhas são mui-

to pesadas para nós as levarmos. Oxalá que resulte.

GINÁSIO — Mais uma vez falo desta obra que ainda não acabou, mas já tem luz e dentro de pouco tempo começam a pôr os tacos no chão e por causa disso vem outro troalha. É que nós só tínhamos dois e, agora, ficamos com três para ver se para a Páscoa fica pronto. Quanto mais depressa ficar pronto, me-

CACHORRO-QUENTE

Freguês irregular de mesa incerta vario entre o café e o rissol e a cerveja. Ultimamente num gesto de mão larga faço namoros ao cachorro-quente e insisto na mostarda.

Raramente discuto os títulos da imprensa e às parangonas dos jornais prefiro certoiro como lança o atrevimento da crónica que desce da redacção à praça e — breve mas com risco — reduz toda a questão das castas sociais à simples disjunção.

OU TREMOÇO OU MARISCO

Detesto ambiguidades: o café reserva-se o direito de proibir que p'las mesas se estenda a mão à caridade.

Louvo o princípio. Mas então como há-de

vencer a fome quem não vê qual ministério ou qual instituição se reserve o dever de cobro pôr a tanta humilhação?

A Paula e o Rui ainda se trocam nos intervalos do sonho e do estudo.

As vezes o Rui põe-se c'os dedos aos estalos e vai dizendo já que os beijos não são tudo

que qualquer solução terá de ter em conta emprego e habitação.

Mas por muita pureza de intenções por muito apego a normas sociais, sem casa e sem emprego

ninguém se escandalize que o arrastar de amores apresse tentações e vire... vire norma o que antes foi deslize.

E insisto na mostarda... a outra, a que me chega ao nariz quando oiço na têvé e depois atirado pròs jornais que cada português ao estrangeiro deve oitenta mil ou mais.

Se sei de cór as bichas prò transporte e sempre trabalhei e passo as férias neste recanto e mesmo assim à nora quem foi que me meteu em dívidas lá fora?

Na mesa ao lado o jogô dos palpites ao número das rifas continua e a mim já me apetece... apetece-me já sair para a rua!

Dezembro/81

SANTOS KIM

lhoi, que é para praticarmos desporto.

Deus os ajude no trabalho.

AGRICULTURA — A poda das videiras já vai no fim; também a dos pomares, para que dêm boa fruta e bom vinho.

Dentro de pouco tempo vamos começar com a sementeira da batata e vamos ver o que ela dá este ano. Oxalá que seja boa.

PASSEIO — Há dias fomos a Miranda do Corvo. Eu fui um dos do grupo. Gostámos imenso de lá ir e todos gostaram que nós lá fôssemos e aceitaram-nos com muito carinho.

No fim da tarde regressámos e demos uma saltada a Paço de Sousa, que era para o sr. P.e Baptista estar com o sr. P.e Telmo. Ficámos lá só um quarto de hora e viemos para Casa.

Foi um dia divertido e tivemos boa viagem, porque Deus ajuda-nos.

«Palhaço»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Está quase pronta a moradia para a pobre mulher separada do marido, cuja família tem sido acolhida — melhor diríamos amontoadada — em velho pardeiro dos avós.

Esta casa é um marco que assinala vinte e cinco anos de glória celeste de Pai Américo. Ele que se deu inteiramente à promoção dos gem-casa — de todos os que sofrem — e cujo espírito de missão permanece bem vivo, na medida em que, segundo S. Lucas, evangelizar é «anunciar a Boa-Nova aos Pobres, a Libertação aos Oprimidos e a Alegria aos que sofrem».

Ninguém pode esquecer ou ignorar as dificuldades ou problemas de quantos jazem no sub-mundo da Miséria!

Temos em mãos a factura da caixa para a nova habitação, já posta no devido lugar. Mais de quarenta contos! Falta solver as contas do picheleiro, dos estores, de outras coisas mais. Somas vultosas! Há, no entanto, mais uma família abrigada decentemente, com o mínimo de condições. É uma notícia feliz. O Mandamento Novo!

Arriscámos na Fé — e no sofrimento dos Irmãos. A obra nasceu, cresceu, está no fim. Bendito seja Deus!

Homem rude, de mãos calejadas, e já no limiar da terceira idade, em época de aflições bate-nos à porta sempre com um sorriso nos lábios — espelho da Graça de Deus. Ele vive a sua Fé conscientemente, em profundidade. Apesar de ser analfabeto, enquanto fala ou expõe problemas com objectividade, não deixa de fazer atempadas citações da Sagrada Escritura, memorizadas na Catequese e em celebrações litúrgicas! Torrentes de Vida!

Hoje volta à carga por mor de um filho, quarentão, deficiente mental; muito angustiado porque não topa horizontes de subsistência para o próximo futuro: — «Eu sou Pobre. Vivo da laboira. O meu filho, como sabe, é meio inocente. Não tem habilidade p'ra nada. Há-os piores. Mas não tem coisa p'ra se defender na vida... Agora está mais calmo. Passa o tempo na cama. Ora diga lá, que são 1.500\$00 de subsídio vitalício q'ele amrecebe? É pouco. Adei, q'há-de ser dele amanhã, q'ando eu morrer!... E continua: — «Hoje a moral é pouca, nas famílias; de filhos p'ra pais, de pais p'ra filhos...! Ninguém toma conta dele...!» Último desabafo: — «Ai s'eu soubesse ler e escrever!...»

PARTILHA — Por intermédio do Montepio Geral, em Lisboa, 500\$00 de Maria Lydia e 1.800\$00 de uma Anónima. Sacerdote amigo, ora na zona de Gondomar, manda uma migalha para os Pobres, com um abraço — que retribuimos. Assinante 13329, do Porto, 500\$00. Ainda do Porto, Rua das Andorinhas, 500\$00 «po alma de todas as pessoas minhas, queridas». Mensagem de Oliveira do Douro:

«Junto uma pequenina ajuda para a Conferência e peço uma oração ao Céu para que a Graça de Deus acompanhe todos os nossos passos, quer no trabalho quer nos lares — que em tudo esteja sempre Deus.»

Oportunas remessas de Cernache (Coimbra) e Bombarral. Vale de correio, por mão de Cristina, que pede «desculpa ir um pouco atrasado». Delicadeza! Maria Leitão, 100\$00. No Espelho da Moda, 500\$00 de Adelina. Agora, passa um Anónimo d'algures solicitando o «favor de não noticiarem em O GAIATO». Só Deus sabe. Mais ninguém. Que homem feliz! Rua Eugénio de Castro, Porto, «mais uma migalha» abonada. Assinante 31104, de Lisboa, uma carta cheia de amor aos Pobres e 500\$00. Ipanema (Brasil), 5.000\$00. Por fim, 3.000\$00 do Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Presença que muito nos sensibilizou!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Partilhando

□ O «Cebolinha» e o «Ruilhe» andam ambos na Telescola. Um dia destes vieram falar comigo, tristes. O «Ruilhe» veio só a acompanhar a dor, «Cebo-

linha» desabafou: — «Não tenho cabeça para tanta coisa lá



Reflectindo

O jornal O GAIATO é um ponto de encontro entre a vida das Casas do Gaiato e os nossos Amigos, espalhados por muitos lugares, que nos lêem procurando conhecer melhor o nosso viver.

São as Casas do Gaiato lugares onde vão bater as mais diversas dores, os mais complexos problemas, as mais gritantes dificuldades. Tantas e tantas que estamos longe de poder ser solução para todas elas. Podemos, no entanto, ser voz daqueles que não têm voz; voz dos problemas que não se resolvem com greves, nem com discussões, nem com lutas, pois apenas poderão

na Escola». Vinham tão tristes que só aliviaram quando me viram menos triste do que eles. O assunto era sério, embora não estivesse a ser levado a sério. «Cebolinha» já tem faltado e fugido à Escola! Por isso, o seu desabafo: — «Não tenho cabeça...» Se a tivesse não fugia. Ele tem razão! A Escola é um lugar tão sério que se a cabeça foge do lugar, não é possível aprender. Nada e ninguém. Ai «Cebolinha», «Cebolinha», a cabeça é que é...!

□ O «Carona» já faz o bigode e está na 2.ª classe. A «escola» donde veio é bem diferente desta. Outros números, outras letras, Vadiar, roubar, fumar, habitar no seio da prostituição dos seus. Aqui está a «escola»... Por isso fugiu-nos, há dias, quando castigado na Escola por se portar mal. Fugiu para a outra «escola» — a sua, onde veio, tarde e «mestre». Oxalá ele queira voltar a ser aluno da Escola que o pode fazer Homem. Pensamos que sim.

□ Chegaram mais dois irmãos, de novo. Fui dar uma volta com eles pelo campo. Os nossos patos passeavam no pomar. A alegria do mais novo, de cinco anitos, era sem limite. Um chama-se Pedro, outro é Paulo. Santos meninos! Veio a noite daquele dia e, com ela, a tristeza e as saudades. Na hora do Terço, o mais velho chorava e o mais novo adormecia nos ombros daquele. Tudo estava ali, naquele momento! Deus e os homens em diálogo com as lágrimas da vida, amparadas por alguém, mesmo a dormir... Realidade!

Ausentei-me uns diazitos por causa da venda do jornal. Hoje de manhã, ainda sem sol, vejo um pequenito a correr para mim, alegre! Era o mais novo — que ainda não sei se é o Pedro ou o Paulo. O mais velho vem logo atrás, sem correr e quase envergonhado... daquelas lágrimas?!... Abraçamo-nos os três; foram logo tomar o leiteinho quente que estava na mesa e eu fui celebrar a Missa por eles e por todos.

Padre Moura

ser resolvidos com Amor.

Não conseguimos ficar insensíveis, apesar do hábito, quando se nos apresentam chagas vivas nos Irmãos que nos procuram. Chagas que são fruto de muitas razões, razões que têm as culpas espalhadas por todos nós, porque a sociedade é o resultado do que cada um lhe oferece com o seu viver.

Com aqueles que nós podemos receber, que são o resultado de muita coisa que não vai bem no nosso mundo, procuramos construir uma vida de família, amassada com os desgostos que cada rapaz traz ao entrar em nossas Casas; amassada com os desgostos de cada um, mas também com a Esperança que Deus põe no nosso coração. O resultado é, apesar de tudo, positivo; e está à vista em todos os rapazes, que tendo crescido em nossas Casas, são hoje homens

dignos e capazes de, saudavelmente, colaborarem no bem-comum.

Os nossos leitores compreenderão, por certo, como é grande a nossa alegria por cada um que é capaz de honrar o nome da família onde se fez homem. Como, decerto, compreenderão o sofrimento gerado pelos casos que não são assim conseguidos. É pois a nossa vida, violentamente marcada pela contradição; e temos uma profunda necessidade de valorizar rosas, para não nos deixarmos abafar pelos espinhos. Que Deus nos vá sempre ajudando.

Para provar que a nossa vida não é só drama, trago duas histórias pitorescas passadas com os nossos sacristães.

Temos um grupo de rapazes que ajudam à Missa e preparam os paramentos e o altar. Quando acabam o seu tempo de serviço, são eles que escolhem os substitutos!

Aqui há tempos foi escolhido o «Piascas». Chegado aqui, há pouco tempo, pareceu ao sacristão anterior que reunia as condições necessárias para

o cargo. Rapidamente aprendeu o necessário para cumprir a nova missão. A todos nós encantava a sua compostura e eficiência.

Passado algum tempo, foi pela primeira vez à catequese. Na primeira lição fiz algumas perguntas — para me inteirar dos conhecimentos dos rapazes — e chegou a vez do «Piascas», a quem puz esta simples questão:

— Quem é Nossa Senhora?

Resposta pronta e segura:

— É a Mulher de nosso Senhor Jesus Cristo.

Só na Casa do Gaiato é possível encontrar-se um sacristão de primeira categoria, com este grau de conhecimento.

A outra pequena história foi passada há poucos dias. Outro

novato, na Casa, foi também escolhido para sacristão. Certo dia, depois do jantar, foi à Capela preparar os paramentos para a Missa da manhã seguinte. Deixou tudo em ordem e, com certeza, foi dormir descansado. No dia seguinte, muito antes da celebração eucarística, compareceu no seu posto. Chegado à Capela, reparou que alguém lhe tinha estragado o serviço da véspera e metido os paramentos na gaveta. Bastante zangado, desabafou com a primeira pessoa que chegou ao pé dele:

— Não há direito! Vim ontem, aqui, preparar os paramentos e vieram cá desarrumar-me tudo!

Padre Abel

Calvário

Cont. da 1.ª página

a escada desapareceu. Trepo à soleira, pego na aldraba de ferro já gasta pelo uso e abro uma cancela de castanho velho. Entramos. Saúdo o dono dos aposentos que jaz enrolado numa cama de ferro com a cabeça meio encoberta.

— Bom dia, meu senhor. O senhor engenheiro não veio?

— Veio, sim; está aqui a meu lado.

Ao voltar-se para nós verifico que o doente é cego.

— Veja como estou aqui tolhidinho de todo!

É, na verdade, um homem paralisado pela doença, pela velhice, pelo abandono.

Enquanto ele narra a sua história, que eu já conheço, vou lançando o olhar pelos aposentos. A telha vã mal cobre o telhado todo. Há clareiras que deixam entrar o dia, o sol e a chuva. Os móveis reduzem-se a uma cama e uma cadeira. Nesta, um balde de zinco cheio de urina e dejectos exala um odor fétido. No soalho de madeira enegrecida, um buraco circular. — «É a fossa onde é lançado o conteúdo do balde» — informa-me o senhor engenheiro.

As paredes ainda mostram restos de reboco. A um canto umas pedras negras, muito defumadas, com painelas de ferro

em cima. É a lareira fria, apagada há anos.

— É o senhor engenheiro quem me manda aqui o comer todos os dias. Uma refeição já é muito para mim, pois ele mora longe.

As causas desta situação flagrantemente aflitiva, mas suportada com estoicismo e até com resignação, são na verdade muito profundas. Onde está hoje a família? Onde vivem hoje os amigos que se granjearam ao longo dos anos? Onde o Estado e a Igreja com as suas estruturas? Talvez e só nos grandes centros! Onde chegou o eco do ano dito do Deficiente? As montanhas da serra não o repetiram e os vales profundos das mesmas também não o ouviram. Perdeu-se nas salas dos colóquios e das conferências. Onde está a solidariedade dos homens? Os balcões dos centros de acolhimento e das repartições aguardam certamente a chegada dos peregrinos, mas muitos não têm pernas para se deslocar, nem conhecem os caminhos tortuosos que lá conduzem.

É preciso ir procurar esta pobre gente que aguenta o morrer lento sem queixume, mas às vezes também sem esperança nem alegria.

Padre Baptista

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

O correio trouxe uma carta a dizer que o João estava na cadeia. Não conhecia o rapaz, que tem cerca de 20 anos, mas pedia-me para o visitar. Precitava de falar comigo. O tempo não dá para tudo e passaram vários dias sem poder ir ao encontro do João. Foram dias de preocupação, pois entre as Obras de Misericórdia está a visita aos encarcerados; preocupado, ainda, por desconhecer o tema da conversa.

Tudo muito claro, tudo com muita franqueza. O João apresentou-se; e entre nós havia, na verdade, motivos de ligação, de interesse e, agora, já de amizade. Se outras razões não houvesse, estava diante dum irmão que necessitava de ajuda moral e material.

Os meses que o João passara na cadeia levaram-no a reflectir; ele próprio condenava o mal feito. Talvez que a falta dos raios do sol, do canto das aves e da voz do vento; do perfume das flores e do trabalho alegre e sadio dos campos, lhe despertassem a consciência. Tive de acreditar no João, nos seus propósitos; e dizer-lhe que podia contar comigo. Eram precisos 26 contos para saldar compromissos. Não foi possível prometer tudo, mas foi possível enviar um requerimento ao Tribunal e — dentro da boa e justa compreensão dos Homens que sabem decidir para ajudar outros Homens — ficar resolvida a saída do João para o dia dezanove de Janeiro. O João, com o seu próprio trabalho, em plena li-

berdade, pagará mensalmente o que faltar. Houve nova alegria, novo gosto de viver uma vida que está a começar. Viver não por rotina mas com intensidade e consciência todos os instantes que dançam e bailam na imaginação dum jovem.

Dentro do orçamento apertado para tudo o que se move à sombra do Lar de S. Domingos, suponho que não vamos ficar sem pão por causa dos doze mil e quinhentos escudos que entregámos ao Director Prisional, que também foi testemunha de defesa a favor

Cont. na 4.ª página



Filha do José da Cruz (ex-«Olhinhos»), agora em Grenoble (França).

PATRIMÓNIO DOS POBRES



A vida de ti Pedro, como homem da lavoura, foi um duro calvário d'opressão, d'injustiça — por ser deficiente. Hoje, habita a casa Mulheres Portuguesas de Bumba, Património dos Pobres, no limite da nossa Aldeia, em Paço de Sousa; e come à nossa mesa — feliz!

Faz agora 31 anos! Todavia, mau grado a naturalíssima evolução da Obra desde o nascimento — e até por isso mesmo! — é, hoje, ainda, mansão indispensável a legião de Pobres que não teriam habitação, viveriam em pocilgas e mansardas de muitas paróquias de norte a sul do País — sobretudo nos meios rurais.

Ninguém melhor do que Pai Américo para celebrar a efeméride — qual Ovo de Colombo — com aquele Fogo que perdura para todo o sempre:

Chegou o dia. Tinham-se convocado e pedido nesgas de terreno aos principais da freguesia de Paço de Sousa, tendo alguns dito que sim. Não se foi além de 50 metros quadrados, o indispensável para instalar a casa, com medo de não sermos atendidos. Hoje não. Hoje, seguros e firmes, terreno que não dê para casa e quintal, não se aceita.

Os pedreiros começaram a trabalhar em Fevereiro do ano de 1951, tendo trocado por alegria, o medo de entrar em suas casas. Sobem quatro delas simultaneamente. Enquanto se abrem os caboucos, dá-se notícia e pede-se licença

à Câmara de Penafiel. Não veio resposta. Quem cala consente.

As casinhas são rentes à berma da estrada. O povo vê e leva para outros a palavra, tal como a abelha o pólen das flores; e ela vai germinar. É boa semente. Caindo em terreno bom, produz cento por um.

Compreende-se que as autoridades locais tivessem emudecido, sem exigir. É a grandeza do inesperado. É a fraqueza das leis e dos homens, quando aparece em campo a Lei Divina. Houve, sim, algures, uma Câmara que embargou. Porém, as pedras da rua levantaram-se e deputados da Nação, no Parlamento, também. Nós temos de compreender e acreditar na força do Pobre, que o mesmo é dizer na Justiça imamente de Deus.

A estas primeiras casas levantadas à beira da estrada, seguem-se outras tantas e ainda mais duas, na mesma freguesia, à beira dos caminhos; de tal sorte que no fim do ano, fizemos entrega delas a Pobres escolhidos. O mesmo fizemos a meia dúzia, na vizinha freguesia de S. Salvador de Gallegos. Mais outras duas em Miranda do Corvo, chegando à dúzia e meia dentro do ano em que começámos a construir.

Tínhamos dado um grande passo numa aventura de Deus. Estas primeiras casas falavam a linguagem de toda a gente.

Os descrentes apresentaram-se no dia da inauguração, tocaram as pedras com suas mãos duvidosas, ouviram da boca do Pobre que nenhum pagava renda — e por outro caminho regressaram às suas terras!... Por muito falar em O GAIATO, por muito longe e por muita gente foi notado o acontecimento, sim; mas o que lhe dá todo o poder de convicção, não é de maneira nenhuma o mensageiro da Obra, mas sim a alegria interior que as famílias hoje sentem. A verdade está aqui: Deus é a Verdade. Ninguém se atreva a levantar qualquer obra por si mesmo, nem acredite no êxito que ela possa vir a ter. Se não tem Deus por fundamento, não presta. Quem não semeia na vinha do Senhor, desperdiça. As primeiras dezoito casas que nós levantámos no ano de 1951, atingiram milhares de corações e fizeram muita luz na inteligência dos homens; não certamente por via do jornal O GAIATO, mas sim porque cada uma delas é um monumento erguido a Deus, ao serviço dos Seus Pobres.

O. Amín. 5!

AQUI, LISBOA!

● A ganância, o pretensiosismo e um materialismo atroz são constantes do dia a dia. As pessoas, à maneira de faraós, estão tão agarradas às coisas que pensam só no ter, pensando que as levam para o túmulo ou, então, que ficam neste Mundo para sempre... Triste desilusão, que a hora derradeira surgirá, talvez quando menos se espera e o que contará, não tenhamos dúvidas, será o bem que se possa ter feito ou vivido.

Para os cristãos conscientes não há outra alternativa válida senão a de dar testemunho de Cristo, levando uma vida de milícia, fazendo-se «tudo por todos», como S. Paulo sugere na liturgia do Domingo em que escrevemos. Ao contrário, seremos como «faróis apagados» e até obstáculo para aqueles que buscam o Infinito.

Foi com grande satisfação que lemos o apelo do Papa aos Católicos Lituanos pedindo «Bispos de espírito forte» para as dioceses vagas naquela zona da «Igreja do Silêncio». «Queremos Bispos com fé viva e grande amor, que possam dirigir um ressurgimento espiritual dos fiéis. Não necessitamos de Bispos de governo.»

Ante a crise de espírito que

avassala a nossa Pátria, com consequências tenebrosas à vista, seja-nos permitido a ousadia de implorar do Alto que os nossos Bispos sejam fortes e valentes e que os seus presbíteros e os cristãos, em geral, pelas suas condutas, constituam uma forte rectaguarda de apoio, por uma vivência plena do Evangelho, ou seja, por uma pregação viva da Boa-Nova, em coerência e autenticidade.

As vezes nem nos faltam boas intenções. Chegados, porém, às primeiras dificuldades, logo desanimamos, desperdiçando, até, os meios postos à nossa disposição pelo Mestre, que veio pelos doentes e não pelos sãos. Precisamos todos de coragem, faculdade em declínio, como bem dizia A. Soljenitsyne; sobretudo coragem colectiva, nas camadas dirigentes e dominantes, cuja influência é marcante e decisiva na e para a orientação da sociedade e das instituições.

Pela parte que nos toca estaremos sempre dispostos a acompanhar em espírito e em acção os Pastores colocados à frente da Igreja. Pedir-Lhes que sejam fortes, valentes e corajosos, denunciando as injustiças e fustigando as demagogias ou os falsos progressis-

«Lembra-Vos, Senhor, que a minha vida não passa de um sopro. (Job, 7, 7a)

mos e carismas, é uma consequência lógica do Sacerdócio que abraçamos e do respeito que Lhes devemos.

● Industrial poderoso e de renome, residente em zona de requinte, abraçava-se há poucos meses a nós, de lágrimas nos olhos, dizendo: «O dinheiro não é tudo, o dinheiro não é tudo na vida!» Vinha o facto a propósito de determinada situação familiar, onde a harmonia deixa muito a desejar.

Gostámos de ouvir o que nos foi dito e de comungar dos problemas que nos foram postos, a sós e na intimidade de alma a alma. É que, convencidos como estamos que «o dinheiro não é tudo na vida», soube-nos bem escutar de alguém, cheio dele, uma verdade comezinha, que grande parte não entende e a maioria considera ao contrário.

● Os jornais dão-nos conta todos os dias das mais diversas tragédias e de acontecimentos reveladores da ausência dos valores humanos mais sagrados. São os crimes mais variados, os suicídios de jovens e de adultos, os abandonos de velhos e de crianças, etc., etc. Deus não está pre-

sente na vida dos homens, porque O rejeitam, claro está.

Entre as notas que costumamos tirar para possíveis abordagens ou comentários, não queremos deixar de pôr em evidência aquela que nos dava conta, em pleno Ano Internacional do Deficiente, do funcionário da R. N. que pôs na bagageira um Cego e o respectivo cão-guia, por não haver lugar nos transportes públicos para animais! Claro que uma andorinha não faz a Primavera e não estão em causa, aqui, os trabalhadores daquela empresa pública. Referir o facto, porém, é um desagravo da nossa parte. É que, como bem escreveu Padre Baptista no último número de O GAIATO, Cristo continua no estábulo e na cruz sem que os homens O queiram reconhecer ou amenizar as suas dores.

Padre Luiz

Padre Duarte

Lar Operário em Lamego

Cont. da 3.ª página

do João. Caiu-me no coração a alegria que vi em todos os que o rodeavam, ao saber da sua próxima liberdade. Foi assim possível um acto de gratidão por encontrarmos quem ainda saiba captar os gritos dos necessitados, consolar o chorô dos tristes, abafar as lágrimas dos que vivem na solidão. O João vai trabalhar. Fazemos votos para que encontre uma ocupação que o enobreça, o liberte e o construa.

Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa